

SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA E A CLÍNICA AMPLIADA – RELATO DE PESQUISA

CAMILA DE AQUINO MORAIS; Sílvia Koller. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – pesquisadora (camilasmorais@gmail.com)

A saúde dos adolescentes tem sido alvo de preocupação no âmbito nacional e internacional devido à alta incidência de comportamentos de risco nesta população, como uso de drogas, AIDS, gravidez precoce, suicídio, homicídios. Estes trazem prejuízos à saúde individual, e conseqüente às famílias e a comunidade. A pesquisa investigou a visão de adolescentes e seus cuidadores sobre saúde e doença mental, estereótipos e acessibilidade aos serviços de saúde mental, bem como as principais redes de apoio e estratégias de cuidado utilizadas. Participaram do estudo 30 adolescentes de ambos os sexos da periferia de Porto Alegre com idades entre 14 a 18 anos. Da amostra total dos adolescentes foram entrevistadas, em visitas domiciliares, 20 famílias. Como instrumentos foram utilizados: diário de campo, roteiro de entrevista da família e questionários auto-aplicáveis sobre saúde e doença mental. Análise do conteúdo foi usada para averiguar as respostas qualitativas. Os resultados mostraram a implicação dos aspectos socioeconômicos e dos acontecimentos estressantes da história de vida familiar na saúde mental dos adolescentes e demais membros da família. Nos questionários observou-se que a visão de saúde mental dos adolescentes estava associada à capacidade de pensar de forma crítica e relacionar-se bem com os outros. Da doença mental, os adolescentes apresentaram uma visão integradora entre corporeamente. Observou-se a presença de estereótipos acerca da doença mental e dos profissionais de saúde mental. Os profissionais de saúde, os pais e amigos foram as principais redes de apoio mencionadas. Da acessibilidade, foram encontradas mais barreiras ideológicas do que estruturais. Os adolescentes apresentaram estratégias de cuidado que variaram entre comportamentos em busca de mudança e fuga do problema. A visão dos adolescentes sobre saúde e doença mental revelou um conhecimento superficial acerca do trabalho e funções dos profissionais de saúde mental, bem como a presença de estereótipos sociais como a idéia do louco e a preocupação com a exclusão e o preconceito. Os profissionais de saúde, a família, a escola e a mídia se mostraram como os meios possíveis de atingir uma mudança de mentalidade ao serem mencionados como as principais redes de apoio, busca de ajuda e formadores de opinião. Intervenções psicoeducativas podem ser exploradas pelos profissionais de saúde mental utilizando o contexto da escola, e trazendo a família, oportunizando a

construção de conhecimento e mudança de comportamentos. Ressalta-se o importante papel das redes sociais e do trabalho interdisciplinar como estratégia fundamental para a promoção de saúde. Os profissionais de saúde mental devem apropriar-se da função de promotores de saúde ocupando espaços pouco explorados através de intervenções e ações extramuros à clínica tradicional e/ou psicológica. Este trabalho requer o diálogo com os outros saberes, principalmente da psicologia com a psiquiatria, devido à ênfase na saúde mental que os perpassam, e junto com estes ampliar a rede para áreas da assistência social, educação, dentre outras, de acordo com as necessidades de cada contexto de trabalho. O cuidado da saúde mental, com toda a sua multidimensionalidade de fatores, deve ser revisto nas unidades básicas de saúde, assim é possível melhorar as condições de atendimento à saúde mental na atenção primária.